

LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA E A ESTÉTICA DO PENSAMENTO: UM OLHAR SOBRE O ENSINO DA ARTE

Guilherme Correzola¹

RESUMO: Este artigo investiga a presença da arte e da estética nos livros didáticos de Filosofia do Ensino Médio, o resultado propõem uma reflexão sobre seu papel na formação do pensamento crítico e sensível dos estudantes. O método empregado foi baseado a partir de uma abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, onde se analisou os conceitos de estética e arte na perspectiva de filósofos como Alexander Baumgarten, Immanuel Kant, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Arthur Schopenhauer e Susanne Langer, destacando como esses conhecimentos são incorporados nos materiais didáticos. Discute-se ainda a relevância da filosofia da arte na educação formal e sua função na construção do sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: Arte; Estética; Livro didático

TEXTBOOK OF PHILOSOPHY AND THE AESTHETICS OF THOUGHT: A LOOK AT ART TEACHING

ABSTRACT: This article investigates the presence of art and aesthetics in high school philosophy textbooks, proposing a reflection on their role in the development of students' critical and sensitive thinking. Through a qualitative approach and bibliographic review, it analyzes the concepts of aesthetics and art from the perspectives of philosophers such as Alexander Baumgarten, Immanuel Kant, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Arthur Schopenhauer, and Susanne Langer, highlighting how these ideas are incorporated into educational materials. The article also discusses the relevance of the philosophy of art in formal education and its function in shaping the contemporary subject.

Keywords: Art; Aesthetics; Textbook

¹ Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Geociências (PPGGEA) Faculdade de Ciência e Tecnologia, Aparecida de Goiânia, GO, Brasil

INTRODUÇÃO

A Filosofia é uma área do conhecimento que, muitas vezes, carrega a reputação de ser abstrata e de difícil compreensão. No entanto, é possível demonstrar que ela está mais próxima da realidade do que se costuma pensar, não sendo, portanto, um "bicho de sete cabeças". Segundo Aranha e Martins et al, (2009), esta Ciência surge da inquietação diante da existência e da busca por compreender os grandes enigmas da vida que teve uma das suas principais bases construída durante o período clássico grego de século V.

O levantamento bibliográfico revelou-se essencial para aprofundamentos das obras como o livro didático: Fundamentos de Filosofia, de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes (2016); Iniciação à Filosofia de Marilena Chauí (2013) e Filosofia: Experiência do Pensamento de Silvio Gallo (2017) e as obras filosóficas: O mundo como vontade e como representação, de Arthur Schopenhauer (2005); Aesthetica, de Alexander Baumgarten (2012); Estética e Filosofia da Arte, de Samon Noyama (2016); e Ensaio Filosófico, de Susanne K. Langer, entre outros autores contemporâneos. Essas obras proporcionaram embasamento teórico e sólido para compreensão dos princípios conceituais da estética e filosóficos, concedendo uma análise mais aprofundada sobre a relação entre arte, assimilação ao pensamento ao longo da história da filosofia.

Ao discutir a importância da estética e da arte em sua relação com a Filosofia, especialmente como esses temas são abordados nos livros didáticos utilizados no Ensino Médio alguns autores (e.g., Gilberto Cotrim; Mirna Fernandes, Marilena Chauí e Silvio Gallo) apontam que valorizar o conhecimento filosófico transmitido por meio da arte e do belo, elementos que sensibilizam, encantam e atraem os estudantes, contribuindo para uma formação mais sensível e crítica. Como destaca Dewey et al, (2010), a arte não é um luxo, mas um modo de organizar a experiência. Como reforça Vidal e Candeiro et al., (2015), a Arte pode funcionar como um instrumento de simplificação e democratização do conhecimento, sendo fundamental na mediação entre ciência e sociedade.

Além disso, sugere-se também valorizar a arte e a estética como bases para compreender as interações sociais, levando em conta de que maneira esses aspectos afetam a forma como as pessoas enxergam e experienciam a convivência social. Nesse contexto, destaca-se o papel da arte contemporânea, cuja experiência estética mobiliza o público ao oferecer formas singulares de expressão filosófica, ampliando o sentido do pensamento. Segundo Gadamer et al, (1997) e Minghetti (2020), a experiência estética é uma forma de verdade que escapa à lógica formal, mas revela significados profundos da condição humana.

Com base em diretrizes educacionais como o Currículo Paulista (2020), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os documentos da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, considera-se que a inclusão dos temas arte e estética no livro didático é de grande relevância para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, bem como para a formação dos educadores. Segundo Saviani (2008) e Araújo (2021), a escola deve ser um espaço da crítica e da emancipação, e a filosofia cumpre papel central nesse processo.

Portanto, refletir sobre os conhecimentos apresentados nos livros didáticos a respeito da filosofia da arte e da estética, situando-se na interface entre a educação e a reflexão filosófica. Analisa-se, assim, os principais problemas e alternativas nos debates históricos e contemporâneos em torno do conceito de arte, o sentido do belo, o objeto artístico e os atributos que definem o belo e a arte em sua totalidade.

Entre os principais objetivos, a Filosofia busca refletir sobre temas fundamentais e mundiais da condição humana, tais como a vida e a morte, o bem e o mal, a verdade e a mentira, o amor e a dor, o poder, a arte, a estética, entre outros saberes intangíveis e imateriais (Chauí, et al, 2000). Neste contexto, este trabalho tem como foco abordar como os conteúdos de arte e

estética são tratados nos livros didáticos de Filosofia, analisando suas abordagens conceituais, históricas e críticas.

O objetivo é verificar como os conteúdos relacionados à arte e à estética dialogam com os princípios da matriz curricular nacional, em especial com a ideia de uma “Estética da Sensibilidade”(SEB, 2006), que possa valorizar a criatividade, a diversidade, o pensamento linear e o envolvimento afetivo como conhecimento. Por esse motivo, o ato de filosofar é não apenas necessário e frutífero, mas também prazeroso. Pensar a vida e viver o pensamento, de forma profunda e radical, como sugeriu o filósofo francês André Comte-Sponville, é uma das experiências mais significativas do saber filosófico: “Filosofar é pensar radicalmente a existência, com profundidade e coragem” (Comte Sponville, et al., 2002).

METODOLOGIA

Este trabalho é definido como uma pesquisa de caráter qualitativo, com uma base teórico-bibliográfica, pautada na análise de textos filosóficos e materiais didáticos utilizados no Ensino Médio. A pesquisa ocorre através de uma revisão de literatura, utilizando argumentos e elucidações que têm o objetivo de construir uma compreensão descritiva e interpretativa do tema em análise.

A opção por uma abordagem qualitativa é justificada pela natureza subjetiva e conceitual do assunto, o qual abrange categorias filosóficas como arte, estética e beleza. Essas categorias exigem uma análise atenta sobre os sentidos e significados atribuídos a esses conceitos, especialmente dentro da educação.

A pergunta central que dirige esta investigação é: Quais aspectos epistemológicos estão presentes nas definições de estética, beleza e arte, e de que maneira eles se revelam nas obras de Alexander Baumgarten, Immanuel Kant, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Arthur Schopenhauer e Susanne K. Langer, conforme elencado nos livros didáticos de Filosofia?

Através dessa problematização, a pesquisa se propõe a investigar de que maneira essas ideias filosóficas ajudam na formação estética dos alunos e na compreensão da arte como um conhecimento filosófico, promovendo uma educação mais sensível, crítica e reflexiva.





ENSINO DE FILOSOFIA E SUA MATRIZ CURRICULAR NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA

O ensino de Filosofia no nível Ensino Médio exige estratégias didáticas que possibilitem a compreensão de um saber historicamente complexo e abstrato. Para tanto, é necessário simplificá-lo, sem, contudo, empobrecê-lo. A simplificação tem sido alvo de críticas, sobretudo por setores mais conservadores, que receiam que a perda de densidade conceitual comprometa a qualidade do aprendizado e o reduza a uma sequência de clichês. Apesar dessas preocupações, tal reformulação é fundamental para tornar o conhecimento filosófico acessível e significativo para os jovens.

Segundo Rodrigo, (2009, p.88):

A reformulação didática tem seu ônus: o que se ganha em acessibilidade, perde-se em termos de complexidade teórico-reflexiva. Por isso possui caráter ambivalente: seu empobrecimento por meio do processo de simplificação constitui, simultaneamente, condição da possibilidade de certa democratização do acesso ao saber especializado

A proposta de ensino filosófico para o ensino médio deve, portanto, ultrapassar os limites da escola, atingindo as experiências vividas pelos estudantes. Isso implica construir um ensino que estimule o questionamento, a argumentação coerente e o envolvimento ativo dos alunos com os conteúdos e métodos. Um modelo mais dialógico e descontraído pode, inclusive, facilitar a transição para o ensino superior, preparando os estudantes para lidar com uma quantidade crescente de conteúdos de maneira mais crítica e autônoma.

Nesse sentido, destaca-se a metodologia da comunidade de investigação, proposta por Matthew Lipman e fundamentada na teoria sociocultural de Vigotski. Essa abordagem dialogada cria situações de aprendizagem que estimulam o pensamento filosófico, promovendo o desenvolvimento de habilidades argumentativas e investigativas nos estudantes.

A obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no ensino médio, conforme prevista na legislação educacional brasileira, reflete o reconhecimento de sua importância para a formação integral do educando. A Filosofia contribui significativamente para os projetos interdisciplinares, colaborando com outras áreas do conhecimento e ampliando o escopo da reflexão crítica.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Ciências Humanas e suas Tecnologias (2006, p.18):

Outra decorrência da obrigatoriedade da Filosofia é, por conseguinte, uma reflexão sobre sua especificidade e seus pontos de contato com outras disciplinas, cabendo ressaltar que, a nosso juízo, a Filosofia não se insere tão-somente na área de ciências humanas. A compreensão da Filosofia como disciplina reforça, sem paradoxo, sua vocação transdisciplinar, tendo contato natural com toda ciência que envolva descoberta ou exercite demonstrações, solicitando boa lógica ou reflexão epistemológica.

Além disso, sua valorização na matriz curricular possibilita um intercâmbio profícuo com a área de linguagens, contribuindo para a integração dos currículos e fortalecendo abordagens metodológicas específicas, conteúdos estruturantes e uma concepção teórica do ensino de Filosofia.

Cabe ainda destacar a necessidade de articular o ensino da Filosofia nos livros didáticos com os questionamentos contemporâneos sobre arte e estética, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. O Artigo 2.º da Resolução CEB n.º 3, de 26 de junho de 1998, remete aos valores da Lei n.º 9.394/96.

Em seu Artigo 3.º, são estabelecidos princípios éticos, políticos e estéticos, entre os quais se destaca. Secretária da Educação Básica (2006, p.25):

A Estética da Sensibilidade, que deverá substituir a da repetição e padronização, estimulando a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado e a afetividade, bem como facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto e o imprevisível, acolher e conviver com a diversidade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas e alegóricas de conhecer o mundo e fazer do lazer, da sexualidade e da imaginação um exercício de liberdade responsável.

Portanto, o ensino de Filosofia deve ser orientado por uma matriz curricular que não apenas assegure sua presença formal, mas também promova uma prática educativa sensível, crítica e criativa, capaz de dialogar com a realidade dos estudantes e com os grandes temas da atualidade.

A presente seção analisa como essa dimensão está contemplada em três obras didáticas amplamente utilizadas no ensino médio no estado de São Paulo:

1. Livro didático: Fundamentos da Filosofia – Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes (Unidade 4, Capítulo 21 – A Estética);
2. Livro didático: Iniciação à Filosofia – Marilena Chaui (Unidade IX, Capítulo 25 – O Universo das Artes);
3. Livro didático: Filosofia: Experiência do Pensamento – Silvio Gallo (Unidade 1, Capítulo 3 – A ciência e a arte).

A análise dos livros didáticos revela os variados graus de conformidade com a base curricular do Ensino Médio e as Diretrizes Nacionais. Enquanto Cotrim e Fernandes oferecem uma visão histórica que é essencial, uma abordagem carece de conexão com a atualidade e com práticas mais sensíveis. Por outro lado, Chaui avança ao incluir uma leitura crítica e diversificada da arte. Gallo, em contraste, traz a proposta mais inovadora ao considerar a arte como um modo de pensamento e uma vivência filosófica.

Desse modo, é possível concluir que o ensino de Filosofia no Ensino Médio, ao ser organizado com base na matriz curricular nacional, deve ir além da mera inclusão formal da disciplina: é fundamental promover uma prática pedagógica que seja crítica, atenta e criativa.

CURRÍCULO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS – ÁREA DA FILOSOFIA

“Por que ensinar Filosofia?” Por meio dessa questão, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio de 1998 recolocam o ensino de Filosofia na Educação Básica e potencializam o pensamento a respeito das competências e habilidades a serem desenvolvidas na aprendizagem do aluno, especialmente na disciplina de Filosofia presente no livro didático. Analisando o documento Currículo Paulista (2020, p.169):

A partir da BNCC e das DCNEM, o campo filosófico composto pela História da Filosofia, Metafísica, Ética, Filosofia Política, Epistemologia, Teoria do Conhecimento, Lógica e Estética não deixou de lado as questões anteriores, mas ampliou-se para as indagações contemporâneas acerca da justiça, da solidariedade, da autonomia, da liberdade, da compreensão e do reconhecimento das diferenças, respeito e responsabilidade consigo, com o outro e com o mundo comum que habitamos.

Portanto, um dos focos principais da elaboração da aprendizagem e do conhecimento filosófico na disciplina de Filosofia — e nos livros didáticos — é o estudo da estética e da arte. Implementar a recomendação desse documento e superar as metas de implementação do Currículo Paulista requerem um compromisso com o professor e a melhoria constante de sua formação, sempre apoiada no arcabouço da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Isso inclui manter e consolidar a necessária autonomia docente para alcançar o sucesso de aprendizagem esperado.

A organização do currículo da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é estruturada pelos seguintes itens:

- Categoria (Área do Conhecimento);
- Competências;
- Habilidades;
- Objetos de Conhecimento.

Essa conexão entre Filosofia, arte e demais áreas do conhecimento é encontrado no respaldo em Gruner et al, (2020), que defende o uso de obras e arte como recursos introdutório ao filosofar, promovendo interseções conceituais entre Filosofia, Literatura, História, Sociologia, Biologia, e até Geociências. Para o autor, a arte permite à Filosofia escolar exceder o campo estético e expor questões políticas, morais, epistemológicas, metafísicas e geológicas, contribuindo para a formação interdisciplinar preconizada pela BNCC. O estudo da estética e da arte pode ser determinado pelos conhecimentos adquiridos no Currículo Paulista, a partir das seguintes formas de pensamento e reflexão filosófica, conforme a seguinte estrutura, Currículo Paulista, (2020, p.174).

- Categoria: “tempo e espaço”;
- Competência: “analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial”;
- Habilidade: “analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial, de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas”;
- Objetos de conhecimento: “a arte como forma de pensamento” e “a produção de significados e a reflexão estética”.

Portanto, podemos perceber que o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento da estética e da arte em sala de aula é focado no processo de analisar os questionamentos culturais e sociais em diferentes esferas, possibilitando o diálogo com uma filosofia da cultura material e imaterial — muitas vezes relacionada a ideias imutáveis.

ENTRE O BELO E O SABER: A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE PARA A EDUCAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Segundo Cotrim e Fernandes, em seu livro didático Fundamentos de Filosofia, busca-se compreender o estudo da educação, arte e estética dentro dos processos de ensino e aprendizagem, visando à compreensão do aluno. Desde o início da história, a arte sempre esteve presente na prática cultural em suas diversas formas. O homem, ao pintar ou desenhar um bisão em uma caverna pré-histórica, aprendia seu ofício de certa maneira e, ao mesmo tempo, ensinava algo a alguém — um saber aprendido e transmitido.

Portanto, de acordo com normas e valores, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte da construção cultural. O livro didático de filosofia é um grande obstáculo para o acesso ao pensamento vivo dos clássicos [...], apresentando o pensamento dos filósofos como algo morto, que pertence ao passado histórico (Franco, et al, 2011, p. 2). em todos os ambientes sociais, a partir dos saberes envolvidos na produção artística. No entanto, a abordagem da educação filosófica na escola é relativamente recente e está alinhada às transformações educacionais ocorridas no mundo ao longo do século XX.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, Brasília, (1998, p. 30), a arte é definida como objeto de conhecimento:

A manifestação artística tem em comum com outras áreas de conhecimento um caráter de busca de sentido, criação, inovação. Essencialmente, por seu ato criador, em qualquer das formas de conhecimento humano, ou em suas conexões, o homem estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, em um constante processo de transformação de si e da realidade circundante.

A concepção entre arte e filosofia aparece no campo da estética, a partir da teoria artística. A estética não se configura como uma parte da filosofia, mas como uma filosofia propriamente dita como reflexão de toda experiência do belo e da arte (Oliveira. et al, 2013, p. 1). Ao analisar a história do pensamento artística desde a teoria da imitação dos gregos até o pensamento contemporâneo, que entende a arte como experiência do objeto, percebe-se que é sempre necessário fundamentar a prática criativa em um conceito filosófico, o que lhe confere legitimidade.

Como argumenta Gallo et al, (2017, p.45), tanto a ciência quanto a arte são fatores de conhecimento e de criação, ambas buscam compreender o mundo. Desse modo, a ciência opera por meio da racionalização conceitual, e a arte manifesta-se pelo sensível e pelo simbólico. O autor compreende que "a arte, assim como a ciência, não apenas representa o mundo, mas o recria".

A relação entre arte e filosofia aparece na área da estética, a partir da teoria artística. Ao analisar a história do pensamento artístico desde a teoria da imitação dos gregos até o pensamento contemporâneo, que assimila a arte como experiência do objeto, percebe-se que é a todo momento é necessário fundamentar a prática criativa em um conceito filosófico.

A teoria da arte desenvolvida por Platão e Aristóteles baseia-se, principalmente, na ideia de tratar a arte como imitação. Platão, considerando os objetos comuns como meras cópias do mundo das ideias, questionou o valor dos objetos artísticos e criticou os aspectos negativos da imitação. Para ele, ao limitar-se à expressão da natureza perceptual, a arte se torna apenas uma cópia da cópia. Qual seria o valor, por exemplo, de um retrato de uma cama, se não for possível deitar-se nela? O estímulo sensível proporcionado por cores ou formas seria, então, insuficiente. Além disso, a poesia, por retratar incorretamente os deuses, ou a música, por conter harmonias desajeitadas ou preguiçosas, perderia seu poder educativo e político.

Vemos, portanto, que, para Platão, a experiência artística não deveria ser reduzida a uma experiência puramente sensível, sob pena de rebaixá-la a algo meramente agradável. Para os filósofos, a arte se estende à pedagogia, à ciência política, à moral e à filosofia, sendo algo que o Estado deve considerar cuidadosamente. Marc Jimenez, ressalta que “ao expulsar os artistas da pólis, Platão demonstra a importância da arte e como ela está longe de ser uma questão menor”.

A educação e a arte promovem o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que classificam e dão sentido à experiência humana. Os alunos desenvolvem sua sensibilidade, percepção e imaginação ao praticar formas de arte e ao apreciar e reconhecer a natureza e diferentes culturas. Conforme argumentam Vidal e Candeiro et al, (2015 p. 119), “a imagem pertence tanto ao mundo material quanto ao abstrato imaginativo”, o que confere à estética um papel essencial na representação dos sentimentos e ideias humanas.

Sendo a arte e a filosofia parte integrante desse movimento Arte e ciência compartilham processos cognitivos dinâmicos e interconectados, sendo narrativas que ampliam horizontes e constroem mundos possíveis (Nascimento, et al, 2025, p. 2)., isso torna o desempenho e a interpretação do mundo habilidades essenciais. A capacidade de selecionar, classificar e identificar informações é indispensável para a organização da vida humana. Dessa maneira Feitosa et al (2009): A parceria entre filosofia e arte torna possível abordar com leveza e sensibilidade temas complexos e importantes da cultura e da existência, como o sentido da realidade, o papel da ciência na sociedade, as interpretações sobre o corpo e a natureza, a relação entre arte e verdade, a transitoriedade do amor e a inevitabilidade da morte.

Desde a Grécia Antiga até os dias atuais, a discussão sobre beleza e estética permanece presente no pensamento filosófico. Muitos autores associaram a beleza à bondade, entrelaçando os campos da estética e da ética. Por exemplo, Sócrates e Platão afirmavam que “o que é bom é belo e o que é belo é bom”. Mesmo no senso comum, essas conexões persistem: quando alguém comete um ato ruim, costuma-se dizer “Que feio!”, e, ao agir eticamente, pode-se dizer que teve uma atitude “bela”.

Se a beleza pode despertar o bem pessoal, ela deve, então, fazer parte da formação humana. Isso demonstra um entrelaçamento entre estética e ética.

O livro didático Fundamentos de Filosofia também busca compreender o pensamento de Schiller sobre a educação e a estética, por Cotrim e Fernandes (2016):

O escritor e pensador alemão Friedrich von Schiller (1759–1805) propôs a educação estética, além da educação ética, como forma de harmonizar e aperfeiçoar o mundo, permitindo ao indivíduo alcançar a liberdade. Em suas palavras: “Para chegar a uma solução, mesmo em questões políticas, o caminho da estética deve ser buscado, porque é pela beleza que chegamos à liberdade.

Em outras palavras, se a beleza desperta a bondade pessoal, ela pode aliviar as pressões de insatisfação e necessidade, ajudando o indivíduo a atender melhor à sua própria consciência. Assim, ao percorrer um mundo belo — em harmonia de materiais e formas — é possível avançar na moralidade. O ensino da arte, por meio da educação dos sentidos e da sensibilidade, pode contribuir para formar um ser humano melhor. A ilustração científica, segundo Vidal e Candeiro et al, (2015 p.116), “colabora com o texto simbólico imaginando conceitos, trazendo o conhecimento a um nível imagético simplificador”, possibilitando o acesso ampliado ao saber científico e filosófico por meio de representações visuais.

PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SOBRE A ESTÉTICA: DO IDEALISMO À SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

O debate sobre a beleza, ao longo da história, oscilou entre interpretações idealistas e empiristas (ou materialistas). A explicação idealista remonta a Platão. Na filosofia antiga, arte e beleza eram considerados campos distintos. A arte possuía uma dimensão produtiva (poética) e foi condenada por Platão por estar limitada ao mundo sensível. Para o filósofo, a beleza era expressão dos pensamentos e, portanto, um meio de alcançar o mundo das ideias. De acordo com essa visão clássica, a beleza existe independentemente, como uma forma ideal. Quando não reconhecemos a beleza nas coisas que são intrinsecamente belas, somos enganados por nossa condição física, pois a beleza seria objetiva.

No livro didático Fundamentos de Filosofia, observamos como são apresentados os conhecimentos idealista e empirista na discussão sobre o que é belo. O livro define o idealismo da seguinte maneira:

“Para os filósofos idealistas — cuja tradição começa na Antiguidade com o filósofo grego Platão —, a beleza é algo que existe em si, é objetiva. De acordo com a teoria platônica, a beleza seria uma forma ideal que subsistiria por si mesma, como um modelo, no mundo das ideias. E o que percebemos no mundo sensível e achamos bonito só pode ser considerado belo porque se assemelha à ideia de beleza que trazemos guardada em nossa alma.” (COTRIM, 2016, p. 384)

Por outro lado, os pensadores empiristas, como o escocês David Hume (1711–1776), compreendiam a beleza como um juízo subjetivo, conforme descrito:

“Para os materialistas-empiristas, como o filósofo escocês David Hume (1711–1776), a beleza não está propriamente nos objetos (não é algo puramente objetivo), mas depende do gosto individual, da maneira como cada pessoa vê e valoriza o objeto – ou seja, o juízo do que é ou não belo é subjetivo. Esse gosto estético seria, em grande parte, desenvolvido sob a influência da cultura em que se vive.” (COTRIM, 2016, p. 384)

Assim, ao julgarmos algo como belo, segundo o idealismo, é porque reconhecemos sua semelhança com a ideia do belo presente em nossa alma. Já a explicação empirista defende o oposto: para Hume, a beleza não está no objeto em si, mas é determinada pelo gosto particular de cada pessoa. Esse julgamento, portanto, é subjetivo.

No campo da arte, especialmente a partir do século XVIII, a beleza passa a ser associada à arte — algo que não ocorria na Grécia Antiga, onde eram domínios distintos. Platão associava a arte às dimensões da aparência e dos sentidos, criticando-a. No entanto, com o tempo, especialmente no século XVIII, passou-se a valorizar a arte como expressão sensível da perfeição, invertendo a concepção platônica inicial. Nesse sentido, podemos

destacar-se a contribuição de Alexander Baumgarten, que inaugura o uso moderno do termo “estética” como *scientia cognitionis sensitivae*, ou seja, ciência do conhecimento sensível.

Conforme explica Nannini et al, (2020), a estética baumgartiana não se reduz à poética ou ao simples juízo do gosto, mas propõe-se como um novo organon filosófico ao lado da lógica tradicional. Para Baumgarten, a beleza é entendida como perfeição fenomênica — uma perfeição que se manifesta aos sentidos e cuja apreciação depende da competência do juízo sensível. Assim, o juízo estético deixa de ser apenas uma opinião subjetiva e passa a constituir uma forma legítima de conhecimento, dotada de critérios próprios de avaliação. A perspectiva marca uma inflexão significativa na história da estética, conferindo à sensibilidade um estatuto epistemológico até então marginalizado.

O CONCEITO DE BAUMGARTEN SOBRE O PENSAMENTO DA ESTÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA

A definição de estética, antes de ser associada à arte e ao belo, deriva do termo grego *aisthesis* ou *aestesis*. Segundo Almeida, et al. (2015), que significa “capacidade de sentir o mundo, compreendê-lo pelos sentidos”, sendo o “exercício das sensações”.

Por volta de 1750, o filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714–1764) procurou estabelecer um domínio filosófico específico para reflexões sobre a arte, a estética e o belo. BAUMGARTEN et al. (2012, p. 70), em sua teoria da apreciação sensível, define estética como: “A estética (como teoria das artes liberais, como gnosiologia inferior, como arte de pensar de modo belo, como arte do análogo da razão) é a ciência do conhecimento sensível”.

Em todas essas formulações, percebe-se que o termo “estética” está diretamente ligado à forma como os objetos se apresentam aos nossos sentidos e à impressão que deixam em nós por sua simples aparência — seja ela agradável ou desagradável. Assim, podemos concluir que a estética se refere à percepção direta das coisas e aos efeitos que elas causam em nós.

Esse significado é coerente com o sentido original do termo *aisthesis*, que, em grego, designa a capacidade de ser afetado pelas coisas ao nosso redor por meio dos sentidos — visão, audição, tato, paladar e olfato. Essa concepção também está presente na estética em seu sentido filosófico, que é o foco principal deste estudo. Curiosamente, o termo estética parece ter seguido um caminho inverso ao de muitos outros conceitos filosóficos: em vez de se infiltrar na linguagem comum a partir da filosofia, foi incorporado à filosofia a partir do senso comum.

Segundo Noyama 2016, p. 99., Baumgarten defendeu a estética como um campo filosófico legítimo e autônomo:

[...] poderia ser legitimada como uma ciência específica, defendendo sua originalidade na condição de problema. Quer dizer, ela não precisa ser subordinada à poética ou à retórica, porque estava restrita ao âmbito das sensações e da imaginação, termos que a levaram a figurar no debate mais profundo entre a razão e a sensibilidade, talvez o maior problema da filosofia do século XVIII.

No livro didático *Fundamentos de Filosofia*, a estética é compreendida da seguinte forma por Cotrim et al. (2016, p. 383):

A estética, por sua vez, parte da experiência sensorial, da sensação, da percepção sensível para chegar a um resultado que não apresenta a mesma clareza e distinção da lógica e da matemática [...]. Seu principal objeto de investigação é o fenômeno artístico que se traduz na obra de arte.

Dessa maneira, Baumgarten oferece uma abordagem inovadora sobre a estética, ao valorizá-la em seus aspectos sensíveis, sem afastá-la da racionalidade. Ele propõe que a estética funcione como uma espécie de mediação entre o conhecimento sensível e o conhecimento racional elevando o ser humano por meio do desenvolvimento da sensibilidade.

A experiência estética, nesse contexto, não é apenas individual ou subjetiva. Ao mesmo tempo que é percebida sensivelmente, também está vinculada ao pensamento racional. Portanto, o belo não deve ser visto apenas como um dado objetivo, mas como algo que se revela através da recepção sensível e se aproxima da razão por meio da imaginação.

O CONCEITO DE ESTÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA SEGUNDO KANT

A estética ocupa uma posição significativa, embora breve, na filosofia de Immanuel Kant (1724–1804). Isso não significa que tenha sido um tema marginal para o filósofo, mas sim que suas reflexões, embora concisas, foram profundas e transformadoras, tanto para a filosofia quanto para a arte. Kant modificou profundamente os paradigmas da criação artística e abriu espaço para a subjetividade no julgamento estético.

Kant inicia sua análise da estética por meio do conceito de juízo de gosto, que ele define como sendo estético — ou seja, não baseado na razão lógica, mas na sensibilidade e imaginação:

“O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico, e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento e determinação não pode ser senão subjetivo. [...] Pelo sentimento de prazer ou desprazer [...] o sujeito sente-se a si próprio como é afetado pela sensação.” (KANT, 2012, p. 119)

Kant argumenta que a natureza pode ser interpretada como se tivesse uma técnica em sua formação, o que leva à ideia de que há uma unidade subjacente nas leis naturais. Quando contemplamos essa harmonia sem buscar nenhum interesse prático ou utilitário, experimentamos o prazer estético.

Ao contrário dos juízos lógicos ou conceituais, o juízo estético é reflexivo, pois não parte de regras previamente definidas (como nos juízos determinantes), mas busca o princípio da beleza na própria experiência subjetiva do prazer.

No livro didático Fundamentos de Filosofia (2016), essa concepção é descrita da seguinte forma por Cotrim, p.385:

[O juízo estético] não é guiado pela razão, e sim pela faculdade da imaginação. Julgamos belo aquilo que nos proporciona prazer, o que não é nada lógico ou racional, e sim algo subjetivo, já que se relaciona ao prazer ou desprazer individual. Por isso, para o filósofo, ‘todos os juízos de gosto são juízos singulares’, pois têm como referência um único indivíduo.

Contudo, Kant afirma que o belo é aquilo que “agrada universalmente sem conceito”. Isso significa que não é possível definir racionalmente o que é belo, pois a beleza não se enquadra em categorias conceituais. Ainda assim, quando afirmamos que

algo é belo, não dizemos apenas “isto é belo para mim”, mas sim “isto é belo”, esperando que os outros concordem com esse julgamento.

Essa pretensão de universalidade se fundamenta no fato de que todos os seres humanos compartilham as mesmas faculdades cognitivas básicas — sentidos, imaginação e entendimento — o que torna possível certa comunicação intersubjetiva do prazer estético. A beleza, portanto, embora seja julgada subjetivamente, pode ser considerada universal em seu alcance, já que certos objetos são capazes de causar prazer em diversas pessoas, mesmo de diferentes culturas.

Assim, para Kant, o juízo estético não é puramente individual nem puramente objetivo. Ele se situa em um ponto intermediário: é subjetivo em sua origem, mas aspira à universalidade. O filósofo acredita que essa aspiração é válida porque o prazer estético surge da harmonia entre imaginação e entendimento, uma estrutura comum a todos os seres humanos.

O CONCEITO DE ESTÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA SEGUNDO HEGEL

Ao contrário da abordagem kantiana, que enfatiza a estrutura interna da percepção estética e os aspectos subjetivos do juízo de gosto, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831) compreende a estética e a beleza a partir de uma perspectiva histórica e cultural. Para ele, o conceito de beleza não é fixo ou universal, mas muda com o tempo, sendo condicionado pelas transformações históricas e sociais.

Segundo Hegel, o que consideramos belo depende de uma determinada visão de mundo (*Weltanschauung*), própria de cada época e cultura. Em outras palavras, a beleza está inserida no contexto histórico, refletindo os valores, as crenças e os ideais dominantes de cada momento.

No livro didático *Fundamentos de Filosofia*, essa concepção é apresentada da seguinte forma por Cotrim e Fernandes et al, (2016, p.385):

Essa concepção hegeliana implica também a ideia de que a percepção da beleza é uma construção social que depende do alargamento da capacidade de recepção do indivíduo, ou seja, de sua capacidade de ver, ouvir, sentir. [...] Tanto a definição do que é beleza quanto a capacidade individual de percebê-la são construções histórico-sociais.

Hegel considera que a arte não se limita a provocar prazer, mas cumpre um papel mais profundo: sintetizar o conteúdo cultural de momentos históricos específicos. A arte expressa o espírito de um povo (*Volksgeist*) e sua visão de mundo em determinada época, por isso sua interpretação exige também uma leitura filosófica e histórica.

Para Hegel, a beleza artística é superior à beleza natural, pois é produto do espírito humano. Como ele afirma Hegel, et al, (1993, p.2): “sendo superior à natureza, sua superioridade se comunica igualmente aos seus produtos, e por consequência, à arte”.

A filosofia da arte, segundo Hegel, deve ser integrada à história da arte. A estética se torna assim um sistema filosófico, cuja base é a ideia de Belo, expressa na forma artística. A arte é vista como uma manifestação sensível do espírito, uma expressão concreta da verdade, onde natureza e espírito se unem.

Para Hegel, portanto, a beleza não é uma abstração ou uma mera aparência agradável. Ela é um conceito concreto, uma ideia realizada na matéria sensível — ou seja,

a beleza é a ideia tornada forma, a verdade se manifestando por meio da sensibilidade. A arte se torna o meio pelo qual o espírito se reconhece a si mesmo em formas concretas e históricas.

Desse modo, para compreender plenamente a beleza, é necessário entender a arte como uma expressão do espírito em constante desenvolvimento histórico. Assim, a estética não é apenas uma teoria da arte ou do belo, mas uma filosofia do espírito em sua realização sensível.

O CONCEITO DE ESTÉTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA SEGUNDO SCHOPENHAUER

A estética, para Arthur Schopenhauer (1788–1860), está intimamente relacionada à experiência artística e à possibilidade de elevação espiritual por meio da contemplação do belo. Influenciado pela filosofia de Kant, Schopenhauer desenvolveu sua própria teoria estética, centrada na ideia de que a arte oferece um caminho para a suspensão da vontade — o desejo incessante que, segundo ele, domina a existência humana.

Para Schopenhauer, a arte nos permite escapar, ainda que temporariamente, do sofrimento inerente à vida. Ao contemplar uma obra de arte, o sujeito abandona seu interesse pessoal, deixando de ver o objeto como um meio para atingir um fim, e passa a apreciá-lo como um fim em si mesmo.

No livro III de sua principal obra, *O mundo como vontade e representação*, o filósofo dedica-se à metafísica do belo. Nessa perspectiva, a experiência estética é uma forma de conhecimento que não depende de conceitos ou racionalidade, mas sim da intuição pura, sendo um modo privilegiado de acessar as ideias (formas eternas e imutáveis que estão além do mundo empírico).

Schopenhauer defende que o juízo estético não está submetido aos condicionamentos da razão (como espaço, tempo ou causalidade). Isso significa que, através da arte, o ser humano é capaz de vivenciar uma forma de existência mais pura e elevada, desligada dos desejos egoístas e das limitações do mundo sensível.

O livro didático *Fundamentos de Filosofia*, COTRIM e Fernandes, et al. (2016) expressa bem essa visão ao afirmar:

Segundo o pensador alemão, a arte está livre das perturbações do querer (vontade) porque não se submete às injunções do conhecimento (espaço, tempo, causalidade etc.). Em razão disso, por meio da contemplação estética, o ser humano encontra uma brecha que lhe permite experimentar algo para além dos condicionamentos que cerceiam nossa vida e regem o mundo empírico. O prazer estético nos liberta da vontade insaciável atrelada às coisas transitórias, dando-nos acesso à dimensão eterna, expressa pela obra artística.

Dentre as formas de arte, a música ocupa um lugar especial na filosofia de Schopenhauer. Ele a considera a forma mais elevada de arte, pois não representa o mundo como imagem, mas expressa diretamente a vontade universal. A música, segundo ele, é a linguagem mais próxima da essência do mundo.

A experiência estética, portanto, oferece uma via de transcendência da vontade, permitindo ao indivíduo tornar-se, mesmo que por um instante, um "puro sujeito do conhecimento", isto é, alguém liberto do ego, do desejo e do sofrimento. A arte revela a dimensão eterna do ser, escapando da transitoriedade dos fenômenos.

Em resumo, para Schopenhauer:

- A estética é uma forma de conhecimento intuitivo, não conceitual;
- A contemplação do belo suspende à vontade e nos liberta do sofrimento;
- A arte, especialmente a música, é a via de acesso ao universal e ao eterno.

Por meio da arte, o ser humano transcende a sua condição empírica, entrando em contato com uma dimensão metafísica da realidade.

SUSANNE K. LANGER: PENSAMENTO SOBRE ARTE E EDUCAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE FILOSOFIA

Desde os tempos mais antigos, os seres humanos demonstram a capacidade de produzir arte – um conjunto de expressões que revelam habilidades, criatividade, beleza e sentimentos. Ao longo da história, todos, em algum momento, já experimentaram a emoção provocada por uma obra de arte, como uma música, um poema, uma pintura ou uma dança. No entanto, não é simples explicar por que a arte nos toca tão profundamente.

A filósofa e educadora Susanne K. Langer (1895–1985) desenvolveu um pensamento original sobre a natureza da arte e sua relação com o sentimento humano. Para ela, a arte é a prática de criar formas perceptíveis que expressam sentimentos. Em outras palavras, a arte objetiva aquilo que sentimos, tornando visíveis ou audíveis as experiências subjetivas que muitas vezes escapam à linguagem comum.

O livro didático Fundamentos de Filosofia resume esse pensamento da seguinte forma por COTRIM, et al. (2016). Para a autor, a arte pode ser compreendida como a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano.

Com base nisso, podemos destacar três elementos centrais no pensamento estético de Langer:

1. A arte como prática de criação

A arte é uma atividade essencialmente humana, que combina habilidade técnica (prática) com imaginação (criatividade). É o fazer artístico que transforma uma ideia ou sentimento em uma forma concreta de expressão.

2. Formas perceptíveis

A arte se manifesta por meio de formas que podem ser percebidas pelos sentidos ou pela imaginação. Essas formas podem ser:

- Estáticas, como esculturas ou pinturas;
- Dinâmicas, como músicas ou danças.

A percepção artística vai além da simples captação sensorial. Como explica Langer, et al, (1971 p. 82):

Um romance, por exemplo, é usualmente lido em silêncio, com os olhos, porém não é feito para a visão, como o é um quadro; e enquanto o som representa papel vital na poesia, as palavras, mesmo em poema, não são estruturas sonoras como a música.

Ou seja, a percepção estética envolve também a imaginação, que nos permite compreender e sentir aquilo que está além da pura aparência física da obra.

3. Expressão do sentimento humano

Para Langer, toda obra de arte é, antes de tudo, a expressão de sentimentos humanos — sejam eles de alegria, dor, esperança, amor, indignação ou reflexão. A arte tem o poder de transformar emoções em formas visíveis ou audíveis, oferecendo um modo singular de compreender a condição humana.

O livro didático por Cotrim, 2016, p. 386, reforça esse aspecto ao considerar:

A arte é sempre a manifestação (expressão) dos sentimentos humanos. Esses sentimentos podem revelar emoção diante daquilo que amamos ou revolta em face dos problemas que atingem uma sociedade – sentimentos de alegria, esperança, agonia ou decepção diante da vida.

Para Langer, a função fundamental da arte é tornar objetiva a experiência interior, permitindo que o indivíduo contemple e compreenda seus próprios sentimentos. Langer et al (1971, p. 82), afirma: “É a formulação da chamada ‘experiência interior’, da ‘vida interior’, que é impossível atingir pelo pensamento discursivo.”

Essa abordagem ressalta a importância da arte na formação emocional e intelectual dos indivíduos. Langer defende que, assim como existe uma educação racional, deve também existir uma educação emocional e artística. Para ela, uma sociedade que não valoriza as expressões artísticas está fadada a negligenciar a dimensão afetiva da formação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência discutida é considerada positiva, pois muitos dos aspectos abordados podem ser aplicados na prática. No entanto, o pouco tempo dedicado à arte e à estética no Ensino Médio dificulta que os alunos desenvolvam plenamente sua sensibilidade estética. Nesse contexto, o livro didático se torna uma ferramenta essencial.

O principal objetivo desta reflexão é sensibilizar os envolvidos na educação, estimulando a superação de ideias como corpo versus mente e experiência versus conhecimento. A arte oferece ao indivíduo a oportunidade de expressar uma visão sensível da vida e do mundo, contribuindo para uma formação mais justa e completa. A aproximação entre arte e ciência, como observa Vidal e Candeiro et al, (2015, p. 127), permite a reconstrução de realidades invisíveis ou extintas, tornando possível o entendimento de fenômenos complexos através da criação de ícones visuais.

Schopenhauer defende uma educação estética que liberta o sujeito do desejo, permitindo uma contemplação pura da realidade. Baumgarten foi quem introduziu a estética como um conhecimento sensível aliado à razão. Hegel vê a arte como uma forma de expressão do espírito humano, que busca autoconhecimento e a mediação de valores. Já Kant diferencia o belo, que proporciona prazer sem interesse, do sublime, que revela a grandiosidade da natureza.

O livro Fundamentos de Filosofia destaca o papel desses autores na formação da teoria estética. Já Susanne Langer vê a arte como uma linguagem simbólica que consegue transmitir emoções e ajudar no crescimento emocional e intelectual das pessoas, além de contribuir para a criação de novos valores sociais e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria LÚCIA DE ARRUDA; MARTINS, MARIA HELENA PIRES. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- BAUMGARTEN, ALEXANDER. *Aesthetica*, volume 2. Editora: Nabu Press, 2012.
- BRASIL. Secretaria da Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996
- CHAUÍ, MARILENA. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHAUÍ, MARILENA. *Iniciação à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2013.
- CECIM, MARTINS ARTHUR. Baumgarten, Kant e a teoria do belo: conhecimento das belas coisas ou belo pensamento? *Paralaxe*, v.2, nº1, 2014.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O prazer de pensar*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.
- COTRIM, GILBERTO; FERNANDES, MIRNA. *Fundamentos de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.
- DEWEY, JOHN. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FEITOSA, CHARLES. *Explicando a Filosofia com Arte*. Rio de Janeiro: Ediouro. 2009.
- FRANCO, EDUARDO FERRAZ. Os desafios de uma educação para o pensamento e para a cultura: o problema do livro didático. IV Edipe – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011.
- GADAMER, HANS-GEORG. *Verdade e Método I*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GALLO, SILVIO *Filosofia: Experiência do Pensar*. São Paulo: Moderna, 2017.
- GRUNER, THIAGO. Obras de arte como introdução ao filosofar: articulações interdisciplinares no Ensino Médio. *Thaumazein*, Santa Maria, v. 13, n. 25, p. 75–87, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37782/thaumazein.v13i25.3578>. Acesso em: 04/06/2025.
- HEGEL, G. W FRIEDRICH *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1988;
- HEGEL, G. W FRIEDRICH. *Estética*. Trad. Álvaro Ribeiro, Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editora, 1993.
- JIMENEZ, MARC. *O que é estética?* Trad.: Fulvia Moretto. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

- KANT, IMMANUEL. Crítica da faculdade do juízo. In: Duarte Rodrigo (Org.). O belo autônomo: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- LANGER, SUSANNE KATHERINA. A importância cultural da arte, em Ensaios Filosóficos. Cultrix: São Paulo, 1971.
- MAIA, NATHÁLIA CRISTINA MEDEIROS. A importância cultural da arte na visão de Susanne Langer. Cadernos Cajuína, V. 6, N. 4, 2021, p. 351-363. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.52641/cadcaj.v6i4.547>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.
- MINGHETTI, ANTONIO AURESNEDI. Arteologia: teorias estéticas do ocidente. Capivari de Baixo: Editora FUCAP, 2020.
- NASCIMENTO, FRANCIDILSO SILVA DO. Arte e ciência como processos cognitivos integrados: percepção e interpretação à luz da filosofia de Thomas Kuhn. Revista Interdisciplinar, v. 10, n. 1, e251003, 2025.
- NANNINI, ALESSANDRO. Baumgarten e o problema da beleza: Aisthesis, educação estética, inspiração. Rapsódia, n. 16, 2020, p. 34–44.
- OLIVEIRA, LEANDRO ARAÚJO. Questões fundamentais da reflexão filosófica acerca da arte: resenha de os problemas da estética, de Luigi Pareyson. Revista Anagrama, Ano 6, Edição 3, 2013.
- RODRIGO, LÍDIA MARIA. Ensino de Filosofia e Didática: Desafios Contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2009.
- RODRIGO, LÍDIA MARIA. Filosofia em sala de aula – teoria e prática para o ensino médio. Campinas. Editores associados. 2009.
- SCHOPENHAUER, ARTHUR, 1788-1860 O mundo como vontade e como representação, 1º tomo / Arthur Schopenhauer; tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. - São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SCHOPENHAUER, A. Metafísica do belo. Tradução, apresentação e notas Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- SAVIANI, DERMEVAL. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 2008.
- VIDAL, L. S.; CANDEIRO, C. R. A. Ciência e arte: uma análise do uso da comunicação visual como meio de divulgação científica. Geographia Opportuno Tempore, Londrina, v. 2, n. 1, p. 114-128, jan./jul. 2015.